



29 de março de 2021

REJEITAR TODAS AS IMPOSIÇÕES DO GOVERNO DORIA
Que a direção da Afuse convoque as Assembleias presenciais!

Contatos: www.pormassas.org / e-mail: por@pormassas.org / facebook.com/massas.por

BOLETIM DA CORRENTE PROLETÁRIA NA EDUCAÇÃO - FUNCIONÁRIOS

Por que os funcionários da Educação devem se colocar contra a guerra na Ucrânia?

A guerra dos Estados Unidos e aliados contra a Rússia levou o governo russo a ocupar a ex-república soviética, a Ucrânia. A guerra já dura mais de trinta dias. A imprensa faz uma campanha em favor do imperialismo sanguinário norte-americano, como se fosse a defesa da paz e da ajuda humanitária. Ao mesmo tempo, a OTAN vem ampliando o cerco militar à Rússia (soldados, armamentos, bases militares, etc.). Trata-se de um cerco que vem crescendo desde o desmoronamento da URSS. A responsabilidade da Rússia não está no fato de procurar se defender da ofensiva da OTAN, mas de oprimir a Ucrânia, de pisotear o seu direito à autodeterminação e de utilizar os meios e os métodos militares próprios do imperialismo. Por outro lado, o governo da Ucrânia, aliado das potências, usa o seu poder para alinhar abertamente o país aos ditames da OTAN, contra o domínio regional da Rússia.

A ofensiva do imperialismo e a resposta da Rússia dividem os trabalhadores. A campanha diária em torno à destruição da Ucrânia e à tragédia dos refugiados têm levado uma parcela dos funcionários a se colocar ao lado dos Estados Unidos e outra, ao lado da Rússia. Isso ocorre porque há também uma divisão entre as direções sindicais e políticas, embora haja em palavras a defesa da autodeterminação da Ucrâ-

nia. Essa fragmentação resulta da ausência da política internacionalista do proletariado. A classe operária e os demais trabalhadores se encontram desorganizados e à mercê da campanha ideológica da burguesia. Essa desorganização impede uma resposta à guerra no campo da independência de classe e da defesa do socialismo.

A Corrente Proletária tem feito a campanha internacionalista do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI) junto às fábricas e ao movimento social, por meio das bandeiras: Pelo desmantelamento da OTAN! Pelo fim das bases militares dos Estados Unidos na Europa e no mundo! Abaixo as medidas econômicas e financeiras de Biden contra a Rússia e a economia mundial! Pela autodeterminação e unidade territorial da Ucrânia! Pela retirada das Forças Armadas russas da Ucrânia!

A Corrente Proletária defende que a Afuse abandone sua política passiva frente aos acontecimentos mundiais e convoque as reuniões de representantes e a Assembleia presenciais, para aprovar um posicionamento de classe contra a guerra. E exigir que as centrais, sindicatos e movimentos convoquem um Dia Nacional de Lutas, com paralisações e bloqueios, em defesa da autodeterminação da Ucrânia, dos empregos, salários e direitos.

Estados Unidos decidem pela guerra

O imperialismo não aceitou nenhuma das condições da Rússia e avança com a militarização
A escalada bélica há muito vem sendo desenvolvida pelos Estados Unidos e OTAN
A derrocada da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) abriu caminho ao cerco das potências à Rússia
A Ucrânia tornou-se um instrumento para os Estados Unidos avançarem na escalada militar
O Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional defende:

Viva o XVI Congresso do Partido Operário Revolucionário (POR)!

É preciso que a vanguarda com consciência de classe vincule-se profundamente ao proletariado, para superar a crise de direção
Todo empenho na tarefa de erguer no Brasil o partido marxista-leninista-trotskista, como parte da reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista

Agrava-se a crise na Ucrânia e na Europa

Somente o proletariado organizado e mobilizado pode encontrar uma solução progressiva
Abaixo as medidas econômicas e financeiras de Biden contra a Rússia e a economia mundial!
Pelo desmantelamento da OTAN!
Pelo fim das bases militares dos Estados Unidos na Europa e no mundo!

Rejeitar todas as imposições do governo Doria

UNIR OS FUNCIONÁRIOS DA EDUCAÇÃO QUE A DIREÇÃO DA AFUSE CONVOQUE AS ASSEMBLEIAS PRESENCIAIS

Os governos do estado de São Paulo colocaram em prática as diretrizes federais, que atingiram violentamente os funcionários da educação. A fragmentação entre os Agentes de Organização Escolar e a extinção dos cargos de Agentes de Serviços e Secretários foram resultados o Plano de Carreira, implantado desde o ano de 2000 e, mais tarde, materializado na Lei nº 1144, de 2011. O argumento dos governos era de que o Plano de Carreira traria melhorias salariais e qualificação profissional. Portanto, os governos de Mário Covas, Geraldo Alckmin e João Doria são os principais responsáveis pela trágica condição em que se encontram os funcionários nas escolas.

Nesse momento, Doria retoma a farsa da melhoria dos salários para os Agentes de Organização Escolar que portarem os diplomas de cursos superior ou técnico. Usa o Plano de Carreira, apoia-se na meritocracia e exige diploma de graduação ou especialização técnica para que o Agente de Organização Escolar possa subir de faixa salarial (nível), e, assim, receber um salário um pouco superior à miséria do piso inicial. Portanto, mantém o miserável piso salarial, rejeita recompor as perdas salariais, concede um reajuste inferior à inflação oficial e, tenta alimentar ilusão entre os funcionários de que, para ter um salário diferenciado, é preciso gastar dinheiro e tempo para adquirir os diplomas.

É preciso lembrar que, em 2021, Doria impôs a Lei Complementar 1361/21 (PLC-26), estabelecendo critérios de promoção pela via acadêmica. Dessa forma, os Agentes de Organização Escolar poderiam ter salários melhores, caso tivessem a tal qualificação em cursos superiores. Agora, em 2022, exige que para ter esse direito garantido é preciso aprovar o Projeto de Lei e estipula o prazo para poder usufruir deste suposto direito até o final de 2022.

Diante dessa política nefasta do governo, quem vem sendo penalizado é o funcionário de escola. Isso por que: 1) estabeleceu-se uma divisão entre os funcionários que possuem os diplomas e os que não possuem; 2) os que podem pagar uma faculdade ou curso para, rapidamente, obter os certificados, e os que precisam usar o mísero salário para comprar o arroz e o feijão; 3) entre os Agentes de Organização Escolar efetivos e os trabalhadores terceirizados, extremamente explorados.

Como se vê, Doria finge que concede melhorias salariais. Na realidade, mantém os funcionários de escola à mingua. Para proteger as faculdades e cursos técnicos privados, quer que o funcionário faça empréstimos bancários, ou tire o pão de sua mesa para comprar um diploma, na esperança de conseguir receber pouco mais de R\$ 2000,00.

Por outro lado, a direção do Sindicato (Afuse) não move uma palha contra os abusos de Doria. Rejeita convocar as reuniões e assembleias presenciais, para que os trabalhadores da educação possam aprovar o caminho para derrubar essas violentas medidas de Doria. Trata-se de uma direção que há muito está morta para os funcionários de escola. É uma direção que se mantém a margem dos problemas vividos nas escolas. Está aí por que é preciso erguer uma oposição verdadeiramente de luta, e não de véspera de eleição, para expulsar essa burocracia que se apoderou do sindicato.

A Corrente Proletária defende:

- 1. A convocação urgente de uma assembleia presencial, para aprovar a luta contra as medidas de Doria e seu secretário fantoche Rossieli;**
- 2. Rejeitar a farsa do Plano de Carreira e da qualificação profissional;**
- 3. Reposição das perdas salariais. Um reajuste para repor o poder de compra dos salários;**
- 4. Que qualquer “qualificação” profissional seja custeada pelo governo. Nenhum centavo para as faculdades privadas;**
- 5. Unidade entre os Agentes de Organização Escolar com os demais funcionários, que inclui os trabalhadores terceirizados;**
- 6. Fim da terceirização. Efetivação de todos os terceirizados pelo governo.**

Companheiros, a luta contra o governo Doria requer organização e unidade. Sabemos que para conquistar as reivindicações é preciso usar os métodos próprios dos trabalhadores, que são as paralisações, greves, manifestações de rua massivas, ocupações, etc. A experiência já mostrou que “negociação” da direção do sindicato com o governo, sem luta, só tem trazido derrota para os funcionários.